

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA

Renan Petry Sarubbi

**A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Porto Alegre

2019

Renan Petry Sarubbi

**A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA DO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação
apresentado à Escola de Educação Física,
Fisioterapia e Dança da Universidade Federal do Rio
Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção
do título de licenciado em Educação Física.

Orientadora: Prof^a. Dra Denise Grosso da Fonseca

Porto Alegre

2019

Renan Petry Sarubbi

**A IMPORTÂNCIA DAS BRINCADEIRAS E JOGOS NA EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado à Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Educação Física.

Aprovado em: ____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA

Nome do professor - instituição

Nome do professor - instituição

Nome do professor - instituição (orientador)

AGRADECIMENTO

Agradeço à minha mãe, por ter me incentivado na construção desse trabalho, devo muito a ela. Agradeço também à Professora Denise Fonseca pela ótima orientação.

RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo explicar a trajetória vivenciada no estágio curricular obrigatório no ensino fundamental, numa escola pública de Porto Alegre, no bairro Jardim Botânico. Trata-se de um relato reflexivo com foco na importância e reconhecimento da temática brincadeiras e jogos, trazendo para o debate também três aspectos que emergiram no dia a dia da experiência vivenciada: a importância do planejamento, as resistências e conflitos e as possibilidades de aproximação entre professor e aluno.

Palavras-chave: Educação Física. Brincadeiras e Jogos. Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present work has as its object explain the trajectory lived in the mandatory curricular internship at the elementary school, on a public school from Porto Alegre, at the neighbourhood Jardim Botânico. It's a reflexive report whit focus at the importance and acknowledgment of the thematic jests and games, bringing to the debate also three aspects that had emerged at the daily basis of the lived experience: the importance of planing, the resistances and conflicts, and the possibility of bringing teacher and student closely together.

Keywords: Education physics. Jests and games. Elementary school.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	7
2 REFERENCIAL TEÓRICO	10
2.1 A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL.....	10
2.2 BRINCADEIRAS E JOGOS.....	13
3 RELATO DE EXPERIÊNCIA	17
3.1 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO	18
3.2 RESISTÊNCIA E CONFLITOS.....	20
3.3 APROXIMAÇÕES OU INTERAÇÕES	23
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

As informações retratadas aqui são da experiência vivenciada no período de estágio obrigatório exercido no primeiro semestre do ano de 2018. A prática foi realizada no 4º ano do ensino fundamental, com alunos nas idades entre 9, 10 e 11 anos. Esse período foi de fundamental importância, promovendo reflexões que até então não haviam sido percebidas/debatidas/questionadas em experiências anteriores.

Após definição de qual instituição de ensino seria desenvolvido o estágio, a visita à escola se fez necessária para obtenção de informações e impressões como espaço físico para atividades, poucos espaços cobertos para os dias de chuva, materiais disponíveis, número de alunos considerados satisfatório e assíduo para as atividades que seriam propostas, e ótima recepção da direção da escola, devido à falta de professores de educação física nessa etapa de escolaridade. Nessas identificações, dentro do período de estágio, em uma escola estadual, foi possível exercer a prática da docência no âmbito da realidade encontrada.

Em relação ao processo de ensino e aprendizagem, salienta-se que o papel do professor é de suma importância no êxito da caminhada quando se estabelece a partir de uma perspectiva de construção, de diálogo, de troca. A vertente da troca de experiências possibilita ao docente uma evolução na realidade da prática em que os alunos interagem trazendo desejos, anseios, curiosidades e questionamentos, acrescentando um crescimento ao professor, e satisfação ao aluno.

A observação possibilitou perceber a diferença em como é encarada e qual nível de importância é dada aos desafios ofertados pelas brincadeiras e jogos nas práticas esportivas. Alguns alunos sentiam-se desafiados ao extremo, em atividades competitivas, tendo que alcançar o objetivo proposto em primeiro lugar. Outros se colocavam entre o ser ou não o primeiro, deixando claro que se conquistassem o primeiro lugar ou não, seria indiferente ou não teria tanta importância, e outros, por sua vez, não encaravam a atividade como algo desafiador.

O estágio também revela ao professor o quão importante, nessa etapa de escolaridade, é a constituição de vínculos entre professor e aluno, processo que pode ser dinamizado através das brincadeiras e jogos, potencializando o prazer de ensinar e de aprender.

A realidade escolar retratou durante o tempo de estágio, algumas limitações em relação aos recursos necessários para a prática das brincadeiras e jogos, como: poucos materiais para a faixa etária em pauta; desorganização do local onde eram guardados; oferta significativa de alguns materiais adequados para etapas mais avançadas da escolarização, implicando em restrições quanto ao planejamento das aulas.

O campo da educação física surge como um campo fértil para o desenvolvimento não só do movimento corporal das crianças, e é com base em documentos, legislações e autores da educação física e da pedagogia que se trabalham os fundamentos educacionais nas brincadeiras e jogos.

Um dos documentos pedagógicos que orientam o trabalho do professor é a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) publicado em 2017. Dentre as competências específicas de educação física para o ensino fundamental propostas, destacamos:

1. Experimentar, desfrutar, apreciar e criar diferentes brincadeiras, jogos, danças, ginásticas, esportes, lutas e práticas corporais de aventura, valorizando o trabalho coletivo e o protagonismo (BRASIL, 2017, p. 16).

Durante a aplicação da temática, brincadeiras e jogos, podem surgir conflitos dos alunos indicando individualismo, preconceitos, e a não identificação de socializar, o que remete à busca do conhecimento teórico para a mediação desses conflitos.

Aplicar brincadeiras e jogos no ensino fundamental pode ser conceituado como a aplicabilidade de um instrumento de ensino, como sugere a BNCC, contemplando a ideia de que através das brincadeiras e jogos pode-se trabalhar diversos conteúdos, “onde os estudantes se apropriam das lógicas intrínsecas (regras, códigos, rituais, sistemáticas de funcionamento, organização, táticas etc.) essas manifestações, assim como trocam entre si e com a sociedade as representações e os significados que lhes são atribuídos”. (2017, p. 16).

Retratando o resultado positivo da intervenção do professor através das brincadeiras e jogos na educação física, o artigo Jogos e brincadeiras na construção das aprendizagens de crianças da educação infantil de Elisiane Vargas Pretzel (2012), traz à tona a questão onde alguns professores sentem dificuldade na aplicação da temática brincadeiras e jogos na educação física, por terem em mente

que demanda muito tempo para elaborar aulas e exige alta minutagem de participação dos professores.

O findar do estágio é descrito como prazeroso, produtivo e satisfatório. As intervenções, auxílios e a compreensão com os alunos, traduziu a real contribuição das brincadeiras e jogos dentro da educação física com auxílio do professor. Trabalhar com brincadeiras e jogos na interação da educação e ensino aprendizagem coloca as mais variadas necessidades, individuais ou não de cada aluno, de forma explícita para aquele que os observa, ou que algumas vezes falham no processo da comunicação verbal. É possível que o professor contribua na formação dos alunos, mesmo que em pequena proporção, para diminuir atritos, como exclusão, preconceitos, falta de empatia e até vícios de convívios entre colegas.

Foi sentido através da experiência na instituição, a ausência do professor de educação física atuando com a turma. A instituição não dispunha de um professor designado para o desenvolvimento das práticas corporais com os alunos, as atividades eram praticadas com a mesma professora que os acompanhava em sala de aula, e a mesma, não contemplava as atividades físicas de acordo com os preceitos de um docente da área de educação física. Mesmo deixando os alunos em atividades livres no pátio, não contemplava o propósito de delinear cada atividade a um objetivo, mesmo quando a atividade era de brincadeiras e jogos. Quando a atividade física é livre, sem propósitos e objetivos, alguns alunos tendem a não se motivar a participar da atividade e acabam se excluindo da turma, o que não é desejado pela prática da atividade quando aplicada para o grupo por um professor de educação física.

Nessa perspectiva, considerando que este trabalho se propõe a descrever e comentar a experiência desenvolvida nos anos iniciais, na educação física, nos propomos a compreender a inserção nessa etapa da escolaridade, bem como discutir a temática brincadeiras e jogos, elemento central deste relato, a partir de documentos legislativos e pedagógicos e do olhar de alguns autores.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. A EDUCAÇÃO FÍSICA NO ENSINO FUNDAMENTAL

Para maior compreensão da importância da educação física no ensino fundamental Zuliani (2002) expõe a ideia de que a formação da criança e do jovem passa a ser concebida como uma educação integral – corpo, mente e espírito – formando a personalidade da criança e do jovem plena.

Contrapondo essa ideia, basta reportar-se a anos anteriores quando o que a escola proporcionava aos alunos, em aulas, eram momentos de memorização, imobilidade, reprodução, pouco tinha de criação, ludicidade, movimento, e o que realmente importava era a capacidade de apresentar resultados em provas escritas, indicando assim, se estavam apropriados do conteúdo ou não. Nesse sentido, as propostas curriculares que hoje envolvem o ensino fundamental contemplam uma visão mais abrangente e específica sobre as características e necessidades da criança e jovens nesse nível de escolaridade, incluindo a Educação Física como importante componente curricular para a formação integral dos estudantes.

Nessa perspectiva, a BNCC traz a educação física como:

O componente curricular que tematiza as práticas corporais em suas diversas formas de codificação e significação social, entendidas como manifestações das possibilidades expressivas dos sujeitos, produzidas por diversos grupos sociais no decorrer da história. Nessa concepção, o movimento humano está sempre inserido no âmbito da cultura e não se limita a um deslocamento espaço-temporal de um segmento corporal ou de um corpo todo. (BRASIL, 2018).

Freire (1992, p.15) considera que “a educação física escolar está na formação das crianças, principalmente enfatizando o quanto pode ser importante a motricidade para o desenvolvimento da inteligência, dos sentimentos e das relações sociais”. A educação física escolar no ensino fundamental ensina a importância do movimento e comportamento humano, suas causas e objetivos, e ainda cria perspectivas para que o aluno viva esse comportamento em ações variadas no uso cotidiano, tanto no ambiente escolar como fora dele. Conforme Landim:

Uma proposta para educação física deve respeitar a diversidade humana em qualquer de suas expressões: gênero, biótipo, cor, raça, deficiência, etnia, sexualidade, aceitando e elegendo as diferenças individuais como fator de enriquecimento cultural. Landim (2003, s/p).

Nesse sentido, em relação aos anos iniciais do ensino fundamental, a BNCC enfatiza a importância da ludicidade no processo de ensino e aprendizagem, bem como da articulação com as experiências vivenciadas na educação infantil. Isso significa fazer uma transição saudável do ensino infantil para o fundamental, onde os alunos apresentam naturalmente suas dificuldades nesse momento de transição, instigando a uma aprendizagem motivada e de qualidade.

É no ensino fundamental, segundo a BNCC, que se trabalha a oralidade, a percepção, compreensão e representação, elementos que apropriam o sistema de escrita alfabética, fatores que são apresentados como retratos do convívio familiar, da comunidade ou de grupos de convívio.

O contexto familiar, social e cultural, suas memórias, seu pertencimento a um grupo e sua interação com as mais diversas tecnologias de informação e comunicação dão início ao ingressar no ensino fundamental ou anos iniciais, a progressão do conhecimento, que ocorre pela consolidação das aprendizagens anteriores e pela ampliação das práticas, amplia-se a autonomia intelectual, a compreensão de normas e os interesses pela vida social, o que lhes possibilita lidar com sistemas mais amplos.

O aprender a movimentar-se do aluno, segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN), implica no planejar, experimentar, avaliar, optar por alguma das alternativas propostas, coordenar o corpo com objetos dentro do tempo e do espaço, interagir, são fatores cognitivos a serem favorecidos e considerados no processo da aprendizagem na Educação Física. Corroborando com a ideia dos PCNs, a resolução 7 de 2010, Diretrizes Curriculares Nacionais, destaca uma tendência a automatização no ser humano à execução dos movimentos, desde os básicos até os mais sofisticados, o que através da quantidade e qualidade dos exercícios com esquemas motores, atenção e execução ao processo, são construídos na criança. Saltar, girar ou dançar proporciona a criança com frequência, a ser realizados de forma automática, com menor atenção à execução aplicada, devido aos movimentos aperfeiçoados e no enfrentamento para chegar a esse controle automático, deixando uma automatização favorável a outros enfrentamentos no processo de aprendizagem.

Junto a todos esses processos de incentivo e direito à aprendizagem com olhar especial para a apropriação do ensino da educação física de forma lúdica,

organizada e aplicada às crianças, vem à resolução nº 7, de 14 de dezembro de 2010 citando em seu parágrafo único que:

As escolas que ministram esse ensino deverão trabalhar considerando essa etapa da educação como aquela capaz de assegurar a cada um e a todos o acesso ao conhecimento e aos elementos da cultura imprescindíveis para o seu desenvolvimento pessoal e para a vida em sociedade, assim como os benefícios de uma formação comum, independentemente da grande diversidade da população escolar e das demandas sociais. (BRASIL, 2010, s/p)

Para Kishimoto (1999), é desde muito cedo que as crianças são apresentadas a jogos, brinquedos e brincadeiras e esta interação é de extrema importância, ela propicia um maior desenvolvimento das crianças, e considera-se que através dos jogos, dos brinquedos e das brincadeiras, que a criança se desenvolve, pois está sendo estimulada a ter curiosidade, autoconfiança e autonomia. E para Velasco a ideia está em destaque quando afirma que:

Brincando a criança desenvolve suas capacidades físicas, verbais ou intelectuais. Quando a criança não brinca, ela deixa de estimular, e até mesmo de desenvolver as capacidades inatas podendo vir a ser um adulto inseguro, medroso e agressivo. Já quando brinca a vontade tem maiores possibilidades de se tornar um adulto equilibrado, consciente e afetuoso [...] as brincadeiras abordam o desenvolvimento, bem como a socialização e a aprendizagem. (VELASCO, 1996, p. 78).

Em suma, brincadeiras e jogos auxiliam no conhecimento e crescimento das crianças, de acordo com o que também foi percebido durante o período do estágio e que será aprofundado no capítulo.

2.2 BRICADEIRAS E JOGOS

Brincadeiras e jogos é uma temática que se apresentam como importante meio para o desenvolvimento integral das crianças nos anos iniciais do ensino fundamental. Para um melhor conhecimento da temática escolhida, será explorada de forma conceitual e teórica, trazendo para o debate dentre outras questões, a diferença entre brincadeiras e jogos.

Segundo Kishimoto (1994, p. 4), “no jogo há regras explícitas como xadrez ou amarelinha, bem como regras implícitas na brincadeira de faz de conta, em que a menina se faz passar pela mãe que cuida de sua filha, nessa atividade são regras internas, ocultas, que ordenam e conduzem a brincadeira”, ou seja, as regras estão presentes, tanto nos jogos como nas brincadeiras. Entretanto nos jogos as regras estão previamente definidas, mas nas brincadeiras as regras podem ser desenvolvidas durante o processo com uma sequência lógica de ações.

Mesmo com poucas teorias sobre brincadeiras e jogos, encontram-se alguns artigos que retratam a pouca aplicabilidade da temática brincadeiras e jogos, como práticas de ensino e aprendizagem, pois brincadeiras faziam parte da vida das crianças fora da sala de aula. O retrato dos tempos atuais nas escolas é que brincadeiras e jogos desenvolvem o raciocínio lógico, a criatividade, a imaginação, a cooperação, coordenação e socialização, além de proporcionar a aprendizagem em cima das regras pertencentes à aplicação dos jogos e o fato de identificar e apropriar o lado de vencer ou perder nos jogos apresentados. Para Queiroz (2003, p. 158) “o jogo é uma atividade organizada por um sistema de regras na qual se pode ganhar ou perder”.

As brincadeiras e jogos levam as crianças a momentos de satisfação, prazer e alegria, mostrando que o lúdico tem o papel de conduzir o trabalho pedagógico para métodos mais satisfatórios de aprendizagem facilitando o entendimento das crianças.

Por ser uma prática no dia a dia da criança, as brincadeiras e jogos quando aplicadas em atividade escolares revelam uma maior aceitação e desejo de participação por parte dos alunos, muitas vezes é um incentivo à participação de todos da turma na atividade proposta. Wajskop apud Vigotsky (1991, p 1) diz, que a brincadeira:

Cria na criança uma nova forma de desejos. Ensina a desejar relacionando os seus desejos a um "eu" fictício, ao seu papel na brincadeira e suas regras. Dessa maneira, as maiores aquisições de uma criança são conseguidas no brincar, aquisições que no futuro tornar-se-ão seu nível básico de ação e moralidade.

A apropriação desejada na aplicação das brincadeiras e jogos não pode por si só acontecer, elas necessitam ser incentivadas de forma positiva e motivacional às crianças. Para que isso ocorra da melhor forma esperada e desejada, de acordo com o plano de aula é necessário para aplicar às brincadeiras e jogos na educação física a presença do professor.

É o professor que tem várias crianças em processo de formação física, mental, emocional e social em suas mãos, e com isso se faz necessário que o mesmo conheça um pouco de cada ciência para que o processo de aprendizagem tenha ênfase positiva no resultado esperado.

Dentro desse papel é importante ressaltar que a criança está em processo de descobertas, experiências e saberes, o professor media esses conhecimentos, mais ainda quando a sensibilidade lhe permite a percepção da abordagem em prol da solução de alguns entraves da criança, ou do grupo de crianças.

Atualmente alguns professores de Educação Física criam e aplicam brincadeiras e jogos que contemplam uma parcela maior de raciocínio lógico, dentre outras habilidade e capacidades dos alunos. Essa prática culmina no desenvolvimento de habilidades psicomotoras, favorecendo a criação das brincadeiras e jogos na prática das atividades. Para Kishimoto (1999, p. 40) “os jogos de construção¹ são considerados de grande importância por enriquecer a experiência sensorial, estimular a criatividade e desenvolver as habilidades das crianças”. É no momento de criação que os pensamentos da criança vão dando forma aquilo que ela almeja desenvolver, criar, oportunizando o desenvolvimento de habilidades particulares.

Através das brincadeiras e jogos algumas lacunas de aprendizagem podem se sobressair, cabe ao professor identificá-las e intervir, para solucioná-las ou remediá-las. É sempre bom lembrar que “o professor não deve ser visto apenas como figura central, mas como coordenador de processos educativos, criando espaços pedagógicos interessantes, estimulantes e desafiadores para que neles ocorra a construção de um conhecimento escolar significativo”. (SANTOS, 2006, p.

¹ Jogos de construção e não fabricados por uma indústria qualquer.

5). A percepção/ação do professor, em relação às individualidades de cada criança, é comentada por Miura (2015), quando diz que compete ao professor a análise e decisão de qual procedimento cabe ao tratamento de cada aluno, desde que esses procedimentos estejam adequados às habilidades de cada um.

Para Nicolau e Dias (2003) as brincadeiras e jogos contribuem muito para aprendizagem infantil, porque são desafiadores e propiciam a melhora do raciocínio.

São de extrema importância às brincadeiras e jogos no ensino aprendizagem das crianças, e são expostas de formas diferentes quando dois grandes autores as expõem. Para Piaget (1966) as crianças contemplam duas formas de apropriação no ensino aprendizagem, sendo uma a assimilação e a outra acomodação, ou seja, ele diz que tudo se organiza quando o ser humano está envolvido, e Vygotsky (1989) revela que o desenvolvimento humano ocorre através das relações do indivíduo com o mundo em que vive, pois ser humano evolui com suas ações sócio-históricas. As duas informações autorais, contribuem para a ideia de que quando a criança está interagindo com ambientes que lhe proporcionam desenvolvimento, ela está em constante mudança e transformação, tanto psíquicas, motoras quanto emocionais, tudo isso porque as interações interferem no seu crescimento.

Segundo Fortuna (2000, p. 9) “é preciso aprender a brincar para viver com prazer e, por extensão, aprender com prazer”. Quanto maior o potencial de instigar e agir de um jogo, melhor ele se faz, e assim é com a aula quando lúdica, que desafia ao aluno e professor colocando-os como sujeitos do método pedagógico. O desejo de saber, a participação e a conquista com alegria, irá permear em todos os momentos das aulas. Assim, por alguns instantes, professor e aluno sairão da realidade, colocando-se como pensadores, criadores e inventores de uma própria realidade. Deste modo, arrebatados, professor e aluno evadem-se temporariamente da realidade, mas somente pelo tempo suficiente de pensar, imaginar, inventar, pois o material necessário à atividade criativa é a própria realidade.

Apoiada em Piaget, Fortuna (2000, p. 5), complementa a ideia do desenvolvimento quando afirma que “as pessoas que se utilizam do ato de brincar aumentam seu campo intelectual, sendo assim o indivíduo tem condições de se apropriar do mundo de uma maneira mais ativa”.

Dentro do processo escolar na Educação Física a criança algumas vezes quando não sabedora da atividade proposta, observa seu professor ou colegas e segue na tentativa de aprendizagem. É importante que o aluno tenha

uma atitude ativa nos momentos de aprendizagem, assim será autor de seu aprendizado, com atitudes espontâneas e criativas que serão constantemente estimuladas.

Ensinar com jogos, não necessariamente irá caracterizar uma aula lúdica, para que isso aconteça, é necessária uma aula lúdica que incorpore o brincar no modo de ensinar do professor. O brincar desenvolve os significados da aprendizagem e com as intervenções do professor o aluno aprende, e de acordo com Fortuna (2000, p. 10) o jogo é visto como uma contribuição que:

ultrapassa o ensino de conteúdos de forma lúdica, "sem que os alunos nem percebam que estão aprendendo". Não se trata de ensinar como agir, como ser, pela imitação e ensaio através do jogo, e sim, desenvolver a imaginação e o raciocínio, propiciando o exercício da função representativa, da cognição como um todo.

3 RELATO DE EXPERIÊNCIA

Através do estágio supervisionado, o estagiário, conta com a oportunidade de experimentar grande parte dos conhecimentos discutidos em sala de aula, na prática, efetivamente.

Para Iza e Neto (2015) os estágios supervisionados se configuram como um rico momento de aprendizagem, no qual, o futuro professor estará em contato direto com a realidade escolar, bem como, com todos os dilemas e contradições existentes na prática docente. Toda essa prática vem ao encontro da questão de ter a experiência como parte da formação profissional, ou seja, como constituidora de saberes importantes nesse processo.

De acordo com Tardif (2002), a formação do professor é construída por vários saberes, advindos de diferentes fontes que envolvem aspectos curriculares, disciplinares e experienciais, unidos através das ciências humanas e da educação. Para o autor, os saberes curriculares dizem respeito aos programas escolares; os saberes disciplinares se relacionam aos diferentes campos de conhecimento socializados através das instituições educacionais e os saberes experienciais. O autor retrata que:

São os saberes que resultam do próprio exercício da atividade profissional dos professores. Esses saberes são produzidos pelos docentes por meio da vivência de situações específicas relacionadas ao espaço da escola e às relações estabelecidas com alunos e colegas de profissão. Nesse sentido, “incorporam-se à experiência individual e coletiva sob a forma de *habitus* e de habilidades, de saber-fazer e de saber ser”. (TARDIF, 2004, p. 38).

Ainda de acordo com o autor, a prática do professor varia de acordo com a capacidade de articular as múltiplas probabilidades de movimentar e integrar esses saberes em relação à prática de todo dia. É importante pontuar que “um professor é, antes de tudo, alguém que sabe alguma coisa e cuja função consiste em transmitir esse saber a outros”. (TARDIF, 2002, p. 31)

Nessa perspectiva o relato que me propus a realizar trará algumas reflexões que assumiram a centralidade deste trabalho, considerando que no dia a dia das aulas, aspectos relevantes foram mediados pelas brincadeiras e jogos dentre os quais destaco: a importância do planejamento, as resistências e conflitos e as possibilidades de aproximação entre professor e aluno.

3.1 A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO

Considerando a importância do planejamento no meu trabalho docente, trago para reflexão aspectos que ajudam a entender o lugar desse processo na minha prática pedagógica.

Para que o plano de aula tivesse êxito, foi necessária prévia consulta dos materiais disponíveis na escola, aqueles indisponíveis eram substituídos por adaptações para melhor aproveitamento e aprendizagem dos alunos.

Dentro do período de estágio, ocorreram dois momentos de aprendizado relacionados à elaboração do plano de aula. O primeiro momento ocorreu quando foi percebida uma nova oportunidade de aprendizagem por não ter dedicado tempo adequado para uma elaboração satisfatória do plano. Uma aula em que foram selecionadas três brincadeiras aleatoriamente, sem haver uma linha pedagógica que as unisse. Nesse sentido, ao final da aula, ao ser questionado pela professora da turma se os objetivos haviam sido alcançados, percebi e respondi que não havia clareza em relação aos objetivos. De acordo com Fonseca (2015), o plano de aula deve ser orientado por uma intencionalidade epistemológica e pedagógica. Ainda para a autora, “uma situação de ensino-aprendizagem só tem sentido quando vem acompanhada dos objetivos para os quais está sendo desenvolvida” (FONSECA, 2015, p. 69).

O segundo momento ocorreu por uma nova oportunidade de aprendizagem ao não considerar a sazonalidade. Nesse caso, a aula foi programada para aplicação no pátio, que na escola em questão era descoberto, não tendo sido atentado para o fato de que poderia ocorrer inversão do tempo e chover, o que de fato ocorreu. As atividades foram realizadas em parte coberta, mas não condizente com o espaço necessário para a proposta daquele dia. Tentei fazer algumas adaptações, mas como não as havia previsto, o processo ficou comprometido. Tal situação evidenciou a necessidade de adaptação do plano às diferentes circunstâncias que podem ocorrer no cotidiano da escola, cujo êxito dependerá de planejamento prévio, ou seja, aquilo que costumamos dizer, “carta na manga”. Fonseca (2015) nos ajuda nesta reflexão quando traz para o debate as características de um plano de ensino, dentre as quais destaca a flexibilidade, se referindo à provisoriedade do que é planejado para *atender* tanto às condições do contexto como aos interesses dos alunos.

O planejamento visava ordenar as propostas nas atividades e a rotina, junto a possibilidade de antecipar aos alunos o que eles teriam como prática corporal no dia da educação física, compartilhando o interesse ao mesmo tempo em que os incentivava. O plano de aula incluía a previsão das atividades tanto quanto à organização e aos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação em relação à sua aplicabilidade no processo de aprendizagem. É um meio de programação do professor, mas também um momento de avaliação.

Essa mediação entre programar e avaliar oportuniza ao professor identificar as reações dos alunos quanto à proposta de atividades que foram aplicadas, reações como euforia, desconforto e/ou problemas na interação com o outro, tendo em vista possíveis alterações em propostas futuras. Para Fonseca (2015, p. 25) “pensar no planejamento a partir de sua capacidade de promover mudanças proporciona possibilidades de reflexões-ações que nos encaminham a continuar investindo nesta temática com o intuito de “(re)discutir, (re)encantar e (re)significar o fazer docente”.

O ato de brincar com orientação de um professor, que propõem o lúdico na atividade, pode possibilitar respostas positivas ao que foi proposto no momento de confeccionar o plano de aula, que busca atingir nas brincadeiras e jogos a motivação, interação grupal, ludicidade e movimentos corporais.

A contribuição de, Menegolla & Sant’Anna (2001, p. 45), sobre a importância do planejamento, é encontrada através da colocação que diz que:

O planejamento também serve para desenvolver tanto nos professores como nos alunos uma ação eficaz de ensino e aprendizagem, uma vez que ambos são atuantes em sala de aula. Porém é de responsabilidade do professor elaborar o plano de aula, pois é ele quem conhece as reais aspirações de cada turma.

A descrição dos autores anteriores é encontrada na experiência vivida em sala de aula no 4º ano do ensino fundamental, turma na qual atuei como estagiário. As particularidades da turma puderam ser mais bem trabalhadas através das brincadeiras e jogos devido ao fato de previamente terem sido planejadas para atingir pontos específicos que precisavam ser trabalhados entre os alunos. Ideia que é destacada por Piletti (1995) ao afirmar que um bom plano de aula deve ser

construído em cima das necessidades e realidades dos alunos, considerando as condições reais do ambiente e recursos disponíveis.

O plano de aula foi de extrema importância nos momentos em que foram identificados cenários conflitantes entre os alunos e também as resistências apresentadas pelos mesmos. Nesse sentido se configura numa ferramenta importante diante dos pontos previamente analisados e que serão aplicados com coerência e adequação à turma, atentando para a particularidade de cada aluno.

3.2 RESISTÊNCIA E CONFLITOS

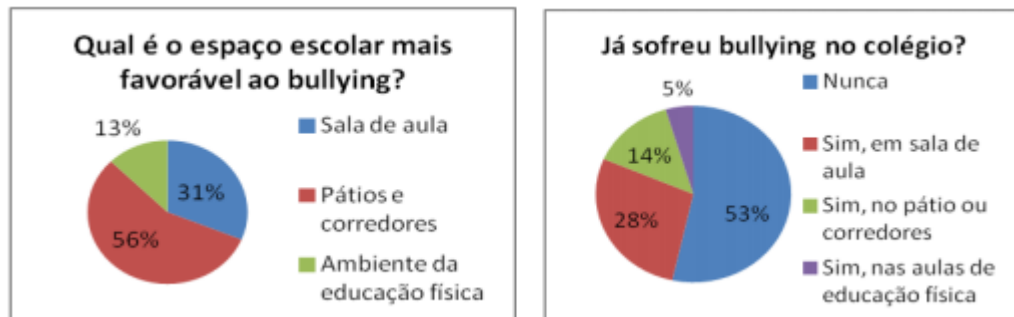
Dentro do objetivo geral da proposta do estágio, em trabalhar a temática das brincadeiras e jogos sobre a formação das crianças, foram identificadas resistências e conflitos como, falta de motivação e *bullyng*, destacados como os mais marcantes no convívio com as crianças. A identificação da prática do *bullyng* teve visibilidade após relato da professora de sala. A partir da comunicação da professora o aluno sinalizado, foi desafiado a participar mais, e seus colegas passaram a aceitá-lo melhor. A dinâmica foi realizada através da interação entre ambos e com a intervenção diária do estagiário, trabalhando questões de respeito e socialização dentro das brincadeiras e jogos.

Não só as observações da professora da turma, como também as situações vividas diariamente pelas crianças, deixava visível essas questões de *bullyng* e preconceitos, fatos que foram mediados como já mencionado, através das brincadeiras e jogos nas aulas de educação física com grande sucesso nas intervenções pelo estagiário.

Um dos principais motivos que um aluno em específico, sofria *bullyng*, era o fato de ele ser o “mais inteligente” da turma em sala de aula e não ter bom desenvolvimento motor nas atividades físicas. Um exemplo que trago foi em uma aula que simulamos lances livres do basquete, cada aluno tinha três chances de acertar a bola em uma lixeira, esse aluno errou os três lances livres com a bola passando bem distante do alvo, o que foi motivo para muitos alunos proferirem frases como: “tu só sabe matemática mesmo”, “isso aqui não é pra ti”, “sempre te botam no meu time pra eu perder as competições”, “tu é muito ruim (nome do aluno)”.

O artigo de Barbosa (2012) revela a ideia de que “a maior parte dos jovens acredita que no colégio os lugares mais favoráveis ao *bullying* são pátios e corredores, possivelmente porque são nesses espaços que o choque de cultura é mais intenso e, conseqüentemente, a administração escolar menos eficiente”. (BARBOSA, 2012, p. 3) Tal informação vem por meio de uma pesquisa realizada com alunos do ensino fundamental em uma escola no RJ e revela o quão rotineiro se faz a prática do *bullying* e que a área da educação física, também é um local onde essa prática ocorre. A imagem de o gráfico a seguir, possibilita identificar o percentual de abrangência da pesquisa. O primeiro gráfico apresenta os três locais favoráveis à prática do *bullying*, revelando um percentual de 13% no ambiente que comporta as práticas da educação física. E no segundo gráfico 47% retratam ações de ocorrência da prática de *bullying*, sendo que 5% são situações praticadas no decorrer da educação física.

Dentro dos gráficos estão os percentuais individuais, apresentando cada fatia correspondente.



Fonte: Brasil, 2012, p. 3

Retratando o primeiro gráfico onde mostra que 44% da soma das fatias entre sala de aula e ambiente escolar, percebe-se que são locais que contemplam a presença de um professor, fato esse que inibe a prática do *bullying* por parte dos alunos. O segundo gráfico também deixa a mesma impressão, 33% dos ambientes citados como, sala de aula e educação física, possuem índices menores que os ambientes sem professor. O que destaca através da vivência no estágio, é que a observação do professor e a aproximação dos alunos, possibilita sim a inibição da prática e até mesmo o contornar uma situação já existente, como foi o caso visualizado e relatado durante o período de estágio na escola.

Já havia, durante o tempo de estágio, contornado a situação em que se apresentava a distorção do comportamento por parte dos alunos, as intervenções

através da educação física tornaram a prática de não conflitar, um hábito, que gradativamente foi desaparecendo, contemplando a ideia de que as brincadeiras e jogos, através da educação física, podem sim colaborar para toda e qualquer temática que vislumbra melhora no desenvolvimento psicossocial e motor. Para Piaget, segundo Kamii (2009), cumprir regras e zelar pelas mesmas, desperta na criança a iniciativa da criatividade, pelo fato de mediar situações onde burlem algumas regras em alguns instantes, acionando assim a mente criativa da criança para tentar resolver seus conflitos. Nesse sentido para autora é fundamental que a criança vivencie as situações de conflito desenvolvendo sua autonomia, ou seja, com o mínimo de dependência da diretividade do adulto.

Ações pré-formadas pelo discente, foram colocadas em prática como, a aproximação, o apoio através da conversa com o aluno que sofria *bullyng*, e conversas reservadas com o grupo que praticava o *bullyng*, nunca esquecendo que eram crianças e assim deveriam ser tratados, de acordo com essa etapa do desenvolvimento humano. As brincadeiras e jogos possibilitaram a colocação de regras, criando um paralelo de empatia, um acordo de tratar os colegas como gostariam de ser tratados, cujos, efeitos foram sendo sentidos, no dia a dia.

Nas intervenções feitas durante o processo de mediação nas situações de *bullyng*, o aluno que sofria tal agressão e por conta disso se afastava das aulas, era instigado a interagir, se posicionar e participar ativamente com os colegas durante todas as atividades propostas pela professor. Nesse sentido, entendo que através das brincadeiras e dos jogos é possível criar um espaço de inclusão para a criança que é constrangida e de certa forma é expulsa das atividades, podendo se comunicar com maior facilidade com seus amigos/colegas.

A mediação estabelecida com o amparo das brincadeiras e jogos pode implicar positivamente entre os alunos da turma, refletindo diretamente nas ações praticadas por alunos que deixam visível o crescimento e a aproximação aos colegas e a interação da turma, dependendo das atividades propostas. Estas são melhores aceitas e feitas com motivação, e no decorrer do tempo de desenvolvimento, minimizam disputas que podem gerar brigas e desentendimentos, sinalizando evolução da turma que se revela mais unida e que demonstra evolução a cada dia com melhores possibilidades de trocas e interações.

Segundo Kamii (2009) existem dois tipos de crianças, as autoritárias e as mais fracas, as autoritárias podem querer mudar as regras das brincadeiras e jogos

a todo instante o que requer a intervenção do professor com seu poder de adulto protegendo os mais fracos. No entanto a vida real está cheia de pessoas autoritárias, sendo assim, o professor deve ter em mente que essa criança crescerá e terá que aprender a lidar, descobrindo maneiras de lidar com aqueles que abusam do poder.

Outro aspecto que mereceu meu olhar foi a questão do espaço físico e sua influência na participação das crianças. Os dias no estágio, dentro da instituição, possibilitaram a percepção e que os lugares onde se realizavam as aulas, contavam com a participação alterada em número de alunos participantes. Quando a atividade era na quadra o número de alunos participantes ocorria quase que em sua totalidade. Entretanto, apresentava diferença em número de participantes quando as atividades eram propostas em sala de aula. Ou seja, revelava que a vontade em participar das brincadeiras e jogos sofria alterações devido ao local. Quando era espaço aberto com práticas orientadas, compreendendo maiores possibilidades de movimentação como correr, pular e jogar todos queriam participar.

3.3 APROXIMAÇÕES OU INTERAÇÕES

É interessante relatar o quão perceptível ficou a aproximação e interação entre o professor de educação física junto aos alunos. Através das primeiras conversas vieram surgindo as aproximações, aproximações essas que ficaram mais intensas à medida que o convívio se intensificava. Essa aproximação possibilitou a mediação dos conflitos e resistências sem autoritarismo por parte do professor.

Para Rey (1993) a relação professor-aluno é afetada pelas ideias que um tem do outro e até mesmo as representações mútuas entre os mesmos. A interação professor-aluno não pode ser reduzida ao processo cognitivo de construção de conhecimento, pois se envolve também nas dimensões afetivas e motivacionais. Dentro da perspectiva do autor, o estágio vislumbrou essa aproximação, o cuidado, a dedicação, as conversas e as brincadeiras e jogos formaram um elo entre o professor de educação física e o aluno.

No que diz respeito ao desenvolvimento das funções psicológicas das crianças, Vygotsky nas primeiras décadas do século 20, abordava e defendia a ideia do convívio em sala de aula de alunos mais adiantados com aqueles que ainda precisam ser apoiados para seus primeiros passos. No desenvolvimento infantil,

Vygotsky determina a primeira fase chamando-a de real, onde as funções mentais já estão desenvolvidas completamente, considerando que seja um nível revelador do que a criança realiza sozinha. Esse nível de avaliação não conta com o que ela conseguiria fazer ou alcançar com a ajuda de um colega ou do professor. É nesse grau da distância entre o que a criança já sabe e o que ela pode aprender com alguma assistência que se encontra o segundo nível de desenvolvimento dito por Vygotsky como proximal, ou seja, aquilo que a criança faz nesse momento com a ajuda de alguém, mais adiante ela conseguirá fazer sozinha. A interação e aproximação entre alunos e professor cria uma troca de experiências, proposta por Vygotsky, onde mostra o professor agindo naturalmente e deixando de ser encarado como a única fonte de saber na sala de aula, e nem por isso tem seu papel diminuído. O convívio entre aluno e professor traz a troca de experiências, conhecimentos e também curiosidades, fazendo acontecer a ligação entre ambos que conseguem se conectar através das conversas, ou seja, diálogos do dia a dia numa prática escolar.

Kamii (2009) estuda e discute a importância dos jogos em grupo na educação infantil, a partir da teoria de Piaget, trazendo para debate o quanto essa vivência orientada por objetivos claros e intencionalmente definidos pode ajudar na construção da autonomia das crianças. Tal construção passa pela relação estabelecida entre a criança e o professor. Assim quando neste estágio as situações de conflito, foram mediadas com êxito, é possível pensar que a relação estabelecida entre o professor e os alunos foi permeada pela afetividade e cooperação. Para a autora, apoiada nas ideias de Piaget, a afetividade é elemento fundamental na relação adulto-criança. E essa afetividade se traduz na cooperação que se estabelece entre ambos, resultando na possibilidade da construção da autonomia da criança (KAMII, DEVRIES, 2009).

A aproximação entre professor e alunos foi sentida durante o estágio. No início tínhamos apenas contatos visuais distantes, em seguida começaram os diálogos, os questionamentos e por fim o contato de carinho. A aproximação foi tanta, que no momento de encerrar o estágio, dava vontade de prorrogar por mais tempo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo apresentar a trajetória vivenciada no estágio através de um relato reflexivo com foco na importância das brincadeiras e jogos no desenvolvimento das crianças, destacando situações que emergiram no dia a dia das aulas de Educação Física. Nesse sentido os aspectos que mobilizaram as reflexões evidenciaram a potencialidade da temática escolhida os quais retomamos como síntese provisória desta reflexão.

Unindo as teorias estudadas através dos autores presentes no trabalho e a vivência no estágio obrigatório, obteve-se informações significativas sobre as implicações das brincadeiras e jogos na motivação das crianças, na qualificação das atividades de movimento, no desenvolvimento do respeito mútuo e cooperação, repercutindo na diminuição de situações de *bullying*, quando aplicadas com orientação e propósito.

O conjunto de fatores que constituíram a base do planejamento no estágio possibilitou transparecer alguns conflitos existentes na turma do 4º ano e mediá-los após as observações. E foi através do planejamento, com intencionalidade, que os conflitos mais agravantes foram visivelmente diminuídos. As observações no período, o incentivo às práticas das atividades, mesmo quando os alunos se faziam resistentes, a atenção do estagiário em intervenções quando necessário foram

sistematizados em planos diários que permitiram a definição dos objetivos de aprendizagem e o melhor aproveitamento das atividades propostas, confirmando a importância do planejamento na prática pedagógica do professor.

A vivência de quem propicia essa ludicidade através das brincadeiras e jogos sendo o professor, ligado aos alunos criam a convivência que desencadeia uma troca de experiências. Essa relação entre professor e aluno foi pautada por trocas e interações que possibilitaram pensar na possibilidade do melhor desenvolvimento das crianças não só no plano motor, como cognitivo e afetivo, configurada na zona de desenvolvimento proximal de Vigotsky. Por outro lado foi vislumbrado também o desenvolvimento da autonomia das crianças pela mediação da afetividade na interação cooperativa entre criança e adulto. A relação de afetividade influencia diretamente o processo ensino aprendizagem, colaborando para motivar o aluno e, com isso, se chegar aos objetivos propostos.

Como o professor trabalha com crianças, ele deve ter clareza das muitas influências que podem atingir a ele e aos alunos, além dos interesses e pontos de partida diferentes, o que torna cada caso, um desafio, em especial. O aluno traz para a sala de aula, assim como o professor, seus medos, temores, curiosidades, desejos e necessidades que nem sempre consegue expressar claramente, é necessário observar e analisar para uma futura interação. A parceria, neste sentido colabora para a aproximação do grupo, de modo a desenvolver a empatia entre ambos, ou no grupo como um todo.

Na turma que executei o período de estágio, obtive considerações que confirmam as colocações dos autores, alguns enfatizam o lúdico como instrumento principal nas atividades e pude experimentar a questão na prática, pontuando como uma das ferramentas essenciais para produzir o aprendizado através das brincadeiras e jogos na turma do 4º ano do ensino fundamental.

Ao cabo deste estudo foi possível perceber que os três aspectos destacados, planejamento de aula, resistência e conflitos dos alunos e aproximações ou interações entre professor e alunos, foram fundamentais no meu processo de formação para a docência os quais foram potencializados através das reflexões realizadas neste estudo.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Secretaria de Educação Fundamental Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução 1998: Educação Física/Secretaria de Educação Fundamental**. 3. ed. Brasília: MEC/SEF, 2001.

BRASIL. **BNCC e Educação Física na Base** Disponível em:<<https://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/comissoes/comissoes-permanentes/cespo/audiencias-publicas/audiencias-publicas-2018/RAPHALVESMECApresentaoBNCCEducaoFsica.pdf>>2017página 16 [Acesso em: 07 maio. 2019.

BETTI, M.; ZULIANI, L. **Educação física escolar: uma proposta de diretrizes pedagógicas**. Disponível em:<<http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/remef/article/view/1363/1065>> Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte – 2002 Acesso em:

FONSECA, Denise Grosso da; MACHADO, Roseli Belmonte. **Educação física (re)visitando a didática**. Porto Alegre: Sulina, 2015.04-03-2017

FORTUNA, R. Tânia - **Sala de aula é lugar de brincar?** 2000 p. 10 Disponível em:<<https://docplayer.com.br/6671104-Sala-de-aula-e-lugar-de-brincar-1.html>>. Acesso em:

FREIRE, J. B. **Educação de corpo inteiro: teoria e prática da educação física**. Rio de Janeiro, p.15, 1992. Disponível em:

<<https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao-fisica/a-importancia-pratica-educacao-fisica-no-ensino-fundamental-l.htm>>. Acesso em: 12 jun. 2019.

IZA, Dijnane Fernanda V.; NETO, Samuel de Souza. **Por Uma Revolução Na Prática De Ensino: O Estágio Curricular Supervisionado**. 1. Ed. Curitiba: CRV, 2015.

KAMII, Constance; DEVRIES, Rheta – **Jogos em grupo na educação infantil: implicações da teoria de Piaget**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

KISHIMOTO, T. M. **O Jogo e A Educação Infantil**. São Paulo, 1994. Disponível em:< https://www.inesul.edu.br/professor/arquivos_alunos/doc_1311627204.pdf>. Acesso em: 4 abril. 2019.

_____ M. **Jogos, A Criança e A Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

LANDIM, Paulo M. Barbosa. **Análise Estatística de Dados**. São Paulo: UNESP, 2003.

MENEGOLLA, M. SANT'ANNA, M. I. **Por que planejar? Como planejar?** 10^a Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MIURA, R. K. K. **Percepção de professores sobre a inclusão no ensino regular de alunos com síndrome de down**. Paraná, Vol.23, n.3, p. 52-60, set 2015. Disponível em:< https://www.mastereditora.com.br/periodico/20150902_110352.pdf> Acesso em: 5 maio. 2019.

NICOLAU, Marieta Lúcia M; DIAS, Marina Célia. M. (orgs.) **Oficinas de sonho e realidade na formação do educador da infância**. Campinas: PAPIRUS, 2003.

PILETTI, C. **Didática Geral**. 19.ed. São Paulo: Ática, 1995. Disponível em:<<http://repositorio.ufsm.br/bitstream/handle/1/67781ANGELA%20JAHN.pdf>> – p 27 [Acesso em: 23 jun às 17:08]

QUEIROZ, T. D. **Dicionário Prático de Pedagogia**. 1.ed. São Paulo: Rideel, 2003<Disponível em: <https://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/pedagogia/jogos-brincadeiras-na-construcao-das-aprendizagens-crianca.htm>>. Acesso em:14 mai – 12:45

REY, F. G. (1993). *Personalidad, salud y modo de vida*. Mexico: Unan Iztacala. **Psicologia escolar: um duplo desafio**. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932003000100004> Acesso em: 25 maio. 2019.

SANTOS, F, C. A **INDISCIPLINA NO COTIDIANO ESCOLAR**. Disponível em:<<http://revistas.unijorge.edu.br/candomba/2006-v2n1/pdfs/MarinildesNunes2006v2n1.pdf>> Acesso em: 30 maio. 2019.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. **Saberes docentes e formação profissional**. 4ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

VIGOTSKY, L. S. **Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar**. Disponível em: VIGOTSKY, L. S. et al. *Psicologia e Pedagogia I*: bases psicológicas da aprendizagem e do desenvolvimento. 2. ed. Lisboa: Estampa, 1991> Acesso em: 14 junho. 2019.

ZULIANI, Luis Roberto. **Material para Aula de Introdução a Ed. Física, São Paulo, p. 1-3, set. 2002**. Disponível em: <<https://www.ebah.com.br/content/ABAAAqDAAB/material-aula-introducao-a-ed-fisica>>. Acesso em: 17 junho. 2019.